

INSPETORIA SÃO JOÃO BOSCO
COLÉGIO SALESIANO SANTA ROSA

Niterói - Estado do Rio de Janeiro - 24.000



03-5-904

15-9-975

8

Pe Luís Frás

Prezados Irmãos

Em **15** de setembro do corrente ano, faleceu em Niterói, o nosso saudoso irmão Pe. Luís Frás, com setenta e um anos de idade. Morreu na luta, pois sentiu-se mal, enquanto cumpria seu trabalho, na Paróquia que lhe **fora** confiada.

Seus pais, Francisco Frás e D. Maria Loupert, eram católicos fervorosos e se esmeraram na educação religiosa dos filhos. O pequeno Luís, foi batizado no mesmo dia em que nasceu. Cedo, fez sua primeira comunhão e com seus irmãos, acompanhava os pais em todas as práticas religiosas, na Matriz da pequena cidade em que nascera, chamada Doklezovje, na Slovenia, província da Jugoslavia.

Feitos seus estudos primários em sua cidade e o curso comercial em Muska, já adolescente, forte e robusto, começou a ajudar seu pai, no trabalho do moinho, que a família possuia.

Aqui, demos a palavra ao Pe. Luís Zver, seu amigo e conterrâneo, nascido na mesma cidade, único a nos poder narrar, como viveu e agiu o jovem Luís Frás, por vários anos, em sua cidade natal, no seio de sua família. Assim fala ele:

“A menos que me engane, o Pe. Luís Frás nasceu no dia 03 de maio de 1904, na mesma cidadezinha, de cerca de mil habitantes, que eu, isto é: Dok-

lezovje, na margem esquerda do rio Mura, na Slovênia, uma das repúblicas federadas da Jugoslávia, mas que naquele tempo, entretanto, fazia parte do império austríaco-húngaro, que se esfacelou na primeira guerra mundial. A família do Pe. Luís, de classe média, era proprietária de um daqueles moinhos flutuantes sobre o rio Mura, que eram típicos e inconfundíveis pontos de referência da paisagem da antiga Panônia. E foi aí que eu, mal entrado na primeira adolescência, pouco depois de terminada a guerra mundial, conheci e admirei o moço forte, atlético, corajoso e calmo, Luís Frás, com farinha espalhada pelas roupas, pelo rosto e pelo cabelo, carregando sacos de trigo da carroça para o moinho, ou sacos de farinha do moinho para as carroças dos clientes. Eu e os meninos meus colegas o admirávamos e o olhávamos com respeito, porque sabíamos que era mais forte do que qualquer outro moço da cidade e entretanto nunca tinha tido rixa com ninguém. Era forte e bom, dizia-se dele. Quando, num acidente, o pai de Luís Frás morreu afogado no rio Mura, nas proximidades do moinho, a família vendeu o moinho e o moço forte e bom, passou a dedicar-se à agricultura. Pouco depois travou conhecimento com os salesianos, freqüentando o Oratório Festivo dominical na vizinha cidade de Verzej, já do lado oposto do rio Mura. Era uma coisa das mais agradáveis de se lembrar: meninos pequenos, como eu, e rapazes grandes, como Luís Frás, irmos em grupos numerosos e barulhentos, para o Oratório Festivo de Verzej, onde havia para nós missa especial, teatro, canto, jogos, catecismo e sobretudo muita alegria e convívio amigo com os salesianos. Foi aí que conhecemos um ardoroso apóstolo de vocações salesianas missionárias, o Pe. José Rádoha, que recrutava turmas de rapazes, preparando-os e enviando-os em seguida para o Instituto Missionário Salesiano São Miguel, de Foglizzo, perto de Turim, na Itália. Em 1926, no outono com vinte e tantos anos feitos, o moço Luís Frás, abandonou o arado, despediu-se da sua mãe e dos irmãos e se uniu ao grupo dos que seguiam para Foglizzo, a fim de se tornarem padres salesianos missionários. Eu já estava lá, desde o ano anterior e senti grande alegria em ajudar o meu conterrâneo, mais velho e grandalhão, a aprender a língua italiana. Sob a orientação de homens notáveis, os jovens aspirantes missionários bebiam o espírito salesiano e se preparavam para as missões. Recebíamos visitas frequentes do Pe. Rinaldi e do Pe. Ricaldone, que num caderninho preto anotava as preferências de cada um quanto ao país para o qual partiria como missionário, quando terminasse o período de preparação. Desta forma, em 1931, Luís Frás chegou ao Brasil. Eu o tinha precedido no ano anterior. Encontramo-nos em Lavrinhas, fazendo o curso de Filosofia. O tirocínio o Pe. Luís o fez nas Escolas Profissionais de Bom Retiro, em São Paulo e a teologia na Lapa. Ordenamo-nos juntos em 8 de dezembro de 1941. Eu admirei nele sempre a retidão de caráter — o zelo apostólico — o amor aos pobres e o estudo sério. Lia muito e procurava estar informado a respeito da teologia, liturgia, sociologia e outros ramos do saber humano e eclesiástico".

Como acabamos de ver, o Pe. Luís Frás, chegou ao Brasil em 1931, passando o ano em Lavrinhas, aclimatando-se e estudando a língua portuguesa.

De Lavrinhas passou a Campinas, para fazer o Noviciado no Liceu Salesiano de Nossa Senhora Auxiliadora, sob a direção do padre Agenor Vieira Pontes, que dele emitiu os seguintes conceitos:

“Foi um bom noviço. Simples, muito respeitoso, compenetrado e muito observante. Muito unido com seus companheiros, apesar de serem mais jovens do que ele e manifestava piedade sólida, preparando-se para sua primeira profissão, que fez com muito recolhimento, consciente de estar fazendo sua total doação a Deus, na Congregação Salesiana”.

A profissão perpétua, fez em São Paulo, três anos depois, aos 7 de dezembro de 1938.

Vencidas mais duas etapas: a filosofia em Lavrinhas e o tirocínio nas Escolas Profissionais do Bom Retiro em São Paulo, ingressava satisfeita no Curso de Teologia, a reta final para sua tão almejada ordenação, que aconteceu em 8 de dezembro de 1941.

Foi um grande dia, o maior de sua vida, costumava repetir, só empanado pela lembrança de sua velha mãe distante, que ele queria ali a seu lado, para vê-lo subir ao altar pela primeira vez, já que a ela, devia a vocação.

Forte como sempre foi, superou rapidamente o choque e passadas as festas da ordenação, começou a exercer seu sacerdócio.

Ei-lo, padre novo, mas, já maduro em idade e experiência, destinado à Paróquia do Sagrado Coração, em São Paulo, como vigário Coadjutor.

Passou dois anos neste mistério, exercendo um apostolado fecundo, no confessionário, na pregação e no atendimento aos enfermos. Não se poupava e estava sempre pronto para qualquer serviço.

Em 1943, foi transferido para Niterói e assumiu o cargo de Vigário Cooperador, na Paróquia de Nossa Senhora Auxiliadora, fazendo parte do pessoal salesiano, do Colégio Santa Rosa.

Os mesmos serviços que havia prestado na Paróquia do Coração de Jesus em São Paulo, continuou em Niterói e sua dedicação para com os enfermos, fê-lo conquistar grandes amigos, no meio da sociedade, que vinham buscá-lo para confortar um pai ou uma mãe, no leito de sofrimentos.

Foi confessor na Basílica de Nossa Senhora Auxiliadora, durante todo o tempo de sua vida, em Niterói, ocupando o primeiro confessionário à esquerda de quem entra e era muito procurado.

Como Vigário-Cooperador, iniciou visitas domiciliares, aos morros da Paróquia, levando além da assistência religiosa, mantimentos, remédios e até dinheiro aos mais necessitados.

Vendo não só a miséria material em que vivia aquela gente, mas, principalmente, a miséria moral, o quase total desconhecimento da religião católica, pois o espiritismo e a macumba, eram a religião do povo, resolveu fundar no recanto denominado Viradouro, (bairro de Santa Rosa), uma Associação de Assistência Social, que por intermédio do socorro à miséria material, chegaria também e principalmente à outra, mais grave: miséria moral, colocando a mesma, sob a proteção do Coração de Jesus, que era a sua grande devoção.

Iniciou essa obra, com um Oratório Festivo, em um terreno pantanoso, abandonado por seu proprietário, o qual mais tarde, vendo a utilidade do mesmo, porque fora aterrado, começou a por obstáculos á sua ocupação pelo Pe. Luís. Depois de muita luta e valendo-se do prestígio do Pe. Virginio Fistarol, diretor do Colégio Salesiano Santa Rosa, naquela época, conseguiu que o terreno fosse desapropriado pelo Governo e doado à Associação recém-fundada.

Como sempre quis ser missionário, considerava seu trabalho no Viradouro e morros adjacentes, verdadeira "Missão". Fundou aí uma Escola, o Círculo Operário e a Obra do Berço, que além da instrução primária às crianças, davam aos adultos, aulas de corte e costura e datilografia, sempre ensinando-se o catecismo, durante as mesmas. Por intermédio da Obra do Berço, regularizava a situação das famílias dos morros (civil e religiosa).

Para as funções religiosas construiu uma capela no terreno, que foi dedicada a Nossa Senhora das Graças, que era a devoção do povo naquela época.

No início, foi muito perseguido pelo povo do local, sendo corrido do morro a pedradas, tendo mesmo que, em certa ocasião, se esconder em uma padaria, para não ser esfaqueado. Nada porém, o intimidou. Vamos pra frente, dizia sempre.

Em pouco tempo, esse horror que tinham contra ele, transformou-se em terna amizade e dedicação. E graças ao trabalho silencioso e constante, não só de Pe. Luís Frás, mas de sua equipe, formada no próprio local, o Viradouro é hoje o oposto do que fora quando lá chegou o nosso Pe. Luís.

Pe. Luís Frás achava que somente pregar a palavra de Deus a um povo em tal estado material, não daria resultados positivos. Era preciso acudir-lhe em suas necessidades materiais, para que tendo um mínimo necessário à sua subsistência, tivesse condição de ouvir e praticar a Religião. Acudia em suas necessidades, mas exigia que trabalhassem.

E ele mesmo procurava colocação para chefes de família descolocados e passando fome.

Dom Bosco havia recomendado aos seus missionários, que dessem assistência aos imigrantes. A duras penas, procurou cumprir essa recomendação do Santo Fundador.

Seu espírito de sacerdote e religioso, desprendido das coisas da terra, sempre prevaleceu acima de tudo e de todas as dificuldades e armadilhas que lhe puizeram no caminho, para tolher-lhe os passos. Nada o intimidava e a mesma coragem incutia naqueles que o ajudavam, ameaçados também eles de represálias pelos inimigos do bem.

Durante cerca de trinta anos, o Pe. Luís Frás dirigiu a Associação de Assistência Social Coração de Jesus, que dotada de vários serviços, tinha necessidade de meios para mantê-los.

A arrecadação feita entre os benfeiteiros, já não bastava.

Outros meios devia encontrar como fonte de renda.

Com efeito, devia manter de pé, o gabinete dentário, o ambulatório médico, sua escola de corte e costura etc..

Sem abandonar a catequese e seu Oratório Festivo, empenhou-se também, nas coisas materiais.

Ótimo e zeloso sacerdote, mas, nada bom administrador, teve grandes dissabores, que minaram seriamente sua saúde, da qual, ele nunca cuidou. Nada para ele, tudo para os outros.

Infelizmente, não teve um braço forte, capaz de conduzir bem esta parte material, para deixá-lo mais aliviado para a parte religiosa.

Além do mais, pedido do Senhor Arcebispo Metropolitano, assumira o cargo de pároco da Paróquia de Pendotiba, que lhe pesava muito sobre os ombros, já fazia dois anos.

Praticamente sozinho, querendo atender a tudo, não tardaria a sucumbir debaixo de tanto peso e responsabilidades.

Era um domingo, dia de três missas, em lugares bem diferentes, com sete ou oito quilômetros, uma da outra. Saiu do Colégio, na hora de costume. Nos domingos, não sentava no confessionário como costumava fazer, antes de sair, nos outros dias da semana.

Confessou algumas pessoas, ao chegar na Matriz e na hora certa começou a missa. Pregou, mas, ninguém entendeu nada. Foi breve, felizmente; continuou a missa, consagrhou, consumiu as sagradas espécies, sentou-se e mandou um ministro da Eucaristia distribuir a comunhão. Chamou o chauffeur e lhe disse secamente, leve-me para o Colégio, onde sempre residiu. No caminho, na altura de uma Casa de Saúde, o Pro-Cordis, mandou que entrasse e logo se entregou aos médicos, que imediatamente constataram um enfarte agudo e usaram todos os meios para salvá-lo.

Eram dez horas da manhã daquele domingo. Outros médicos chegaram e a luta entre a vida e a morte, se travou feia, toda tarde, entrando pela noite a dentro, só terminando com o pior, na madrugada da segunda-feira.

Durante todo o tempo, conservou a lucidez. Pediu para não lhe darem injeção para neutralizar as dores que sentia, porque desejava sofrer e conhecer os sofrimentos dos outros. Ao seu Diretor que lhe estava ao lado e procurava tranquilizá-lo e encorajá-lo, disse que compreendia o desenrolar de tudo aquilo, que sabia que ia morrer, e que estava preparado para isto.

Foram usados todos os meios, para salvar o doente.

Por duas vezes pareceu morrer e tornou a vida. Um jovem médico, ex-aluno salesiano, não o abandonou um instante e não perdia um só movimento, intervindo imediatamente, salvando-o de duas paradas cardíacas.

Por uma terceira vez, o coração parou e o jovem médico, apesar de muitos esforços, nada mais conseguiu fazer. O Pe. Luís Frás estava morto em seus braços. Um enfarte agudo do miocárdio o fulminara.

A notícia se espalhou célere pelo bairro de Santa Rosa, subiu pelos morros e na Paróquia de Pendotiba, a notícia corria de bôca em bôca. Todos convergiam para o mesmo ponto, para a despedida do Vigário, que havia dado a vida por eles, como prova de gratidão ao benfeitor.

O corpo foi primeiramente exposto na Matriz de Pendotiba, com Igreja lotada das 7,00 horas às 15,00 horas, e depois trasladado para a Basílica de Nossa Senhora Auxiliadora, onde houve as exéquias sôlennes, presididas pelo Senhor Arcebispo Metropolitano Dom Antônio da Almeida Moraes Junior, acompanhado pelo Inspetor Salesiano Pe. Alfredo Carrara e todos os párocos da cidade e salesianos de várias Casas Salesianas vizinhas.

Logo depois, saiu o cortejo para o Parque da Colina, cemitério situado na paróquia do Pe. Luís Frás.

Não parecia um enterramento: Nunca vi tanta gente acompanhar o sepultamento de um humilde sacerdote, que trabalhava na obscuridade e sem triunfalismo.

Era uma eloquente homenagem de gratidão que o povo rendia ao seu Pastor, que morria no cumprimento do dever.

Enquanto o féretro descia á sepultura, o povo cantava "Com minha Mãe estarei" e fechada a sepultura, despediu-se, cantando "Mãezinha do Céu, eu não sei rezar, só sei repetir, eu quero te amar"; que foi o primeiro canto que Pe. Luís ensinou ao seu povo, pondo-o sob a proteção de Nossa Senhora, de quem era grande devoto.

Prezados irmãos, instado pelo Padre Diretor para vos dar as notícias que acabastes de ler sobre o Pe. Luís Frás, peço-vos desculpas se não o fiz a contento.

E para terminar, depois de uma convivência de mais de vinte anos com ele, cheguei á conclusão de que ele era um padre humilde, sacrificado e zeloso pela salvação das almas, que viveu plenamente o seu sacerdócio no apostolado dos humildes e dos pobres.

Calmo, tranquilo e lucido, conhecendo a gravidade do seu estado, esperou a morte, confiante na misericórdia de Deus e preparado para o grande passo, como havia dito, pouco antes ao seu Diretor — "Confessei-me há poucos dias e estou preparado para morrer; dê-me a benção de Nossa Senhora Auxiliadora".

Que cada um de nós possa dizer o mesmo, agora e sempre.

Enquanto o recomendo ás vossas orações, peço uma Ave Maria pelo vosso irmão em Cristo e Dom Bosco.

Niterói, 2 de outubro de 1975 — Pe. Antonio de A. Agra, SBD